

Lenin na América Latina hoje¹

Claudio Katz²

Tradução

Paulo Erico Pontes Cardoso³

Lenin foi o arquiteto da primeira revolução socialista e da ousada tentativa de criar um sistema pós-capitalista. Por isso foi demonizado durante décadas pelas classes dominantes com todo tipo de desqualificações. Após o colapso da União Soviética, substituíram essa difamação pelo esquecimento. Imaginavam que a globalização neoliberal perpetuaria o capitalismo e o grande vilão do século XX se transformava numa simples curiosidade do passado.

Mas, no centenário da sua morte, a onda de extrema direita ressuscitou o desafio lançado pelo líder bolchevique. Os defensores fanáticos do mercado observam surtos de comunismo por toda a parte e detectam a sombra de Lenin em qualquer protesto.

Esta paranoia recria o interesse na crítica frontal ao atroz massacre perpetrado pelo capitalismo durante a Primeira Guerra Mundial. Depois de cem anos, Lenin reaparece ao lado dos novos focos de guerras que convulsionam a Europa Oriental e o Médio Oriente.

Esta devastação é complementada por uma catástrofe climática, que ninguém percebeu na época do líder soviético. O atual impacto dramático do aquecimento global leva-nos a revisitar as questões do capitalismo. A competição por maiores benefícios ameaça o ambiente natural que sustenta o planeta e o “Leninismo ecológico” sugerido por vários autores, surge como resposta ao novo perigo que afeta a humanidade (Dejean, 2024). Lenin

¹ Nota da tradução: Traduzido e republicado com permissão do autor a quem todos os direitos são reservados.

² Economista, investigador do CONICET, professor da Universidad de Buenos Aires, Argentina. Membro de Economistas de Izquierda (EDI). Página web: www.lahaine.org/katz, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0146-0944>, e-mail: ckatz@luc.edu.

³ Doutorando em Educação, Universidade Federal do Ceará, Graduado em História, Grupo de Pesquisa Ontologia do Ser Social, História, Educação e Emancipação Humana da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Grupo de Estudos Educação Teoria e História (UECE), ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9284-2823>, e-mail: pauloericopontescardoso@gmail.com.



ressurge para lutar contra esta catástrofe e proporciona uma enorme riqueza de ensinamentos em inúmeras áreas.

1 CATEGORIAS DE AÇÃO

O revolucionário russo renovou a ciência política, com várias categorias que se tornaram muito comuns. Estas categorias são utilizadas por muitos movimentos populares para desenvolver a sua luta cotidiana. Mas há poucas investigações sobre a origem dessas noções e seu criador.

Lenin popularizou uma linguagem forjada na luta contra o czarismo, aperfeiçoada nos debates internacionais da socialdemocracia e revista nas discussões do movimento comunista. Com a sua atenção voltada para a ação política, modificou as visões anteriores do marxismo, que concebeu uma progressão inexorável em direção ao socialismo, impulsionada pelo desenvolvimento das forças produtivas.

A confiança nesta visão reduziu o papel do sujeito a um simples papel de coadjuvante no processo de extinção do capitalismo. Esta mudança teve de ser verificada primeiro nas economias mais avançadas (Europa Ocidental), e depois estendida às regiões menos desenvolvidas (Rússia), até abranger todo o planeta.

O líder soviético opôs-se a este determinismo fatalista, introduzindo outra ligação entre a dinâmica do desenvolvimento, as crises do sistema e as intervenções da classe trabalhadora. Questionou a existência de uma relação automática entre estas dimensões, destacando a variedade de elos fracos no capitalismo e sublinhando a primazia da luta dos oprimidos para sustentar o projeto socialista. Pela centralidade que atribuiu à práxis, concentrou os seus esforços na clarificação dos passos que as forças políticas de esquerda deveriam seguir.

Nessa preocupação de definir rumos, considerou a vontade de lutar, a consciência, as expectativas e preconceitos dos trabalhadores. Com essa perspectiva, amadureceram novas categorias abstraídas mais da arte sinuosa da política do que do universo estrito das leis sociais (Reyna, 2017).

No plano imediato, estas noções avaliam as relações de forças em cada situação, observando a tensão entre as classes dominantes e dominadas. Esta abordagem tornou-se um ponto de partida comum nas caracterizações da esquerda, que registam a primazia das ofensivas dos capitalistas ou dos trabalhadores. Deste retrato inicial podem ser deduzidas as políticas que reforçam o perfil beligerante ou defensivo da ação socialista. Com esta investigação centrada no diagnóstico da confrontação de classes, Lenin preparou a estratégia que lhe permitiria conquistar o poder do Estado.

Sua fórmula principal para evidenciar a especificidade de cada cenário (“a análise concreta da situação concreta”), foi assimilada pela militância como um organizador da atividade. Essa afirmação levou a propor slogans adaptados a cada circunstância, com um padrão muito distante da imprecisão abstrata do socialismo do século XIX. O líder bolchevique distinguiu os cursos imediatos e mediatos, renovando a diferença entre tática e estratégia, que a ciência política absorveu da linguagem militar. Mas utilizou esse contexto para localizar o inimigo principal e avaliar o comportamento das camadas intermédias, a fim de estabelecer as alianças necessárias ao triunfo da revolução. Ele conseguiu formular uma direção política baseada nessas variáveis.

Lenin incluiu a dinâmica do imprevisível na intervenção dos socialistas. Ele preparou formas de ação adaptadas ao aparecimento de acontecimentos inesperados. Ele entendeu que, nas mudanças bruscas de cenário, surgem mudanças políticas que geram grandes oportunidades para a luta socialista. Com esta abordagem ele enriqueceu o lado historicista do marxismo, que se opõe à conformidade passiva dos sujeitos a um curso predeterminado da história. Todos os seus escritos propõem influenciar um futuro aberto através da ação popular.

A maior parte da esquerda desenvolve atualmente esta forma de agir com poucas referências ao mentor destas práticas. Essa falta de conhecimento empobrece a compreensão de um ferramental político, que deveria ser investigado através da revisão dos 55 volumes da obra completa de seu autor (Lenin, 1960). Esta investigação permitiria substituir o leninismo espontâneo por uma intervenção mais baseada na herança desenvolvida por aquele que decifrou os soviets.

2 TRÊS DEFORMAÇÕES

Uma revisão virtuosa de Lenin exige lidar com três obstáculos que dificultam a assimilação de seus ensinamentos. Os primeiros são os resquícios da canonização que a burocracia da ex-URSS impôs para legitimar o seu regime político (Boron, 2024). Essa camada dirigente transformou o leninismo numa ideologia baseada em referências aos textos do líder bolchevique. Cada citação selecionada teve como objetivo justificar o rumo que aquela direção traçou para cada situação.

Esta deformação não desapareceu com a implosão da URSS. A manipulação dos escritos de Lenin para favorecer uma determinada orientação (ou prejudicar a orientação oposta) persiste como um hábito em diversas formações da esquerda. O leninismo não foi o único afetado por esta distorção. A mesma deformação estendeu-se a outras referências do marxismo (Trotsky, Luxemburgo, Mao, Fidel, Gramsci), que inspiraram correntes inspiradas no seu nome (“ismos”).

Um segundo infortúnio atinge Lenin, quando o seu legado se transforma num objeto de estudo puramente acadêmico. Esta conversão esvazia a interpretação de uma obra centrada no compromisso político. O entusiasmo que o líder bolchevique desperta entre muitos doutorandos contribui para descobrir aspectos desconhecidos da sua vida e permite-nos retomar algumas elaborações inacabadas. Mas o estudo da sua carreira com os códigos da investigação universitária corrói a característica central da abordagem de Lenin, que é a transformação de toda a reflexão intelectual em ação política.

A visão acadêmica também não utiliza os conceitos do teórico soviético para atualizar o projeto socialista. Centra-se numa investigação meticulosa dos seus escritos, avaliando até que ponto estes foram distorcidos pelas edições recortadas ou pelos manuais simplificadores divulgados por funcionários da ex-URSS (Piemonte, 2023, 36-42).

É provável que esta distorção tenha afetado a militância comunista no passado, mas a preocupação com esta anomalia não tem grande relevância atualmente. Desde a restauração do capitalismo, o líder bolchevique foi completamente relegado na Rússia e a sua figura é silenciada na esfera oficial.

É improdutiva uma releitura de Lenin divorciada do seu espírito militante. Os seus grandes temas – o socialismo, a revolução, o proletariado, a guerra – só são relevantes em estreita ligação com os dilemas políticos atuais (Martínez, 2023). Evitar esta abordagem leva a colocar-nos em uma posição oposta a de Lênin e em contraste direto com a análise concreta que ele promoveu. Vários analistas sublinham que este divórcio afeta muito mais os estudos sobre o líder soviético do que as pesquisas sobre Marx ou Engels (Budgen, 2010). Uma leitura puramente acadêmica de Lenin torna impossível a sua compreensão.

Finalmente, há uma visão dogmática que imagina um Lênin invariável, fora de todos os tempos e lugares, e aplica as suas categorias a qualquer cenário. Esquecer que o líder bolchevique viveu e agiu num período revolucionário e desenvolveu conceitos condizentes com esse cenário.

A análise metódica das suas categorias é frutífera se esse contexto for reconhecido. Quando essa ligação é esquecida, Lenin perde validade como referência eficaz para a tradição marxista e permanece petrificado como um mero herói de homenagens. Esta veneração impede a utilização do seu legado para avaliar um cenário radicalmente diferente daquele que prevalecia há 100 anos.

3 LIÇÕES DA ULTRA DIREITA

A reconsideração de Lenin permite-nos especificar as posições da esquerda, enfrentando os problemas políticos mais prementes da América Latina. Conter e subjugar a extrema direita é a prioridade do momento.

A onda fascista afeta todos os países e expressa a canalização reacionária de grande parte do descontentamento gerado pela globalização neoliberal. O capitalismo expandiu a desigualdade, aumentou o desemprego e fortaleceu a exclusão. O desconforto gerado por estas dificuldades é aproveitado pela direita para encorajar a irritação dos empobrecidos contra os desamparados.

Com mensagens de ódio contra os mais afetados por estes infortúnios, as tensões são descarregadas para baixo, perpetuando os privilégios dos dominadores. Com este

revigoramento de agressões e ressentimentos, a extrema direita digere a direita convencional e fortalece o seu perfil autoritário.

Na América Latina procura reprimir os protestos populares, com o modelo brutal introduzido pelo golpe civil-militar no Peru. Também procura frustrar o início de um novo ciclo progressista com campanhas vingativas. Levanta bandeiras conservadoras tão adaptadas ao neoliberalismo quanto distantes do nacionalismo industrial-desenvolvimentista da velha direita da região.

A América Latina foi, com Pinochet e Videla, o laboratório mundial do neoliberalismo e agora destaca-se, com Milei, como espaço de experimentação da extrema direita. O libertário argentino não segue mais o roteiro convencional de seus antecessores imediatos (Trump, Bolsonaro, Meloni, Orbán). Juntamente com Netanyahu, ele implementa na prática as mensagens mais incendiárias.

O genocídio dos palestinos está em sintonia com a brutalidade sem precedentes do motosserra na Argentina. Deter esta ofensiva é a principal tarefa do momento e Lenin fornece várias indicações para desenvolver essa resistência.

O líder bolchevique amadureceu uma resposta à extrema direita, quando enfrentou o golpe militar de Kornilov contra o governo provisório de Kerensky. Lenin confrontou esta última administração pela sua recusa em satisfazer as três exigências da revolução de fevereiro (fim da guerra interimperialista, melhorias sociais imediatas, entrega da terra aos camponeses). Mas face ao perigo de restauração da antiga ordem monárquica, promoveu uma ação defensiva comum com todos os setores anti-czaristas.

Esta postura permitiu derrotar o levantamento reacionário, através da unidade de ação contra o inimigo principal. Essa resposta foi assimilada ao longo do século passado pela maioria da esquerda, como norma orientadora contra o golpe de direita. Perante uma ameaça de fascismo, invasão imperialista, intervenção militar ou repressão em grande escala, a prioridade é neutralizar esse perigo com um bloco defensivo. As divergências com os aliados não devem impedir a criação deste dique de contenção da direita.

No atual cenário latino-americano, a aplicação desta política implica a criação de uma ampla frente de mobilização contra a extrema direita nas ruas e nas urnas. Neste último nível,

a batalha inclui o voto contra os candidatos reacionários nas fases decisivas do segundo turno. Este dilema surgiu na numerosa sequência de segundos turnos ocorridos nas eleições dos últimos anos (Katz, 2024, 220-229).

Esta posição eleitoral é consistente com a mensagem leninista centrada na luta. As urnas apenas complementam o que se promove nas ruas. Audácia, bravura e decisão foram para o líder bolchevique as principais chaves para derrotar uma extrema direita, que capta adesões com demonstrações de força. Uma esquerda tímida não pode disputar a primazia contra rivais que não escondem a sua vontade de poder. Todos os resultados políticos dos últimos anos corroboram este princípio.

A extrema direita falhou nos três casos em que enfrentou uma resposta decisiva. Na Venezuela ele fracassou na escalada de conspirações e agora volta às urnas de cabeça baixa. Na Bolívia, a revolta separatista de Santa Cruz fracassou quando o seu principal instigador foi preso. No Brasil, a direita não conseguiu consumir o desconhecimento das eleições diante da reação firme que Bolsonaro enfrentou. Nas três situações prevaleceu uma resposta semelhante à abordagem leninista.

A atitude oposta assumida por Lugo no Paraguai, Dilma no Brasil, Castillo no Peru e Fernández na Argentina levou a um resultado amargo. As posturas conciliatórias destes líderes explicam o sucesso dos seus inimigos. Os direitistas combinaram a mobilização de rua com o desprezo pelas instituições republicanas e a indignação contra a ordem jurídica. O realismo de Lenin permite registrar esta autoconfiança, para encorajar respostas eficazes contra Milei, Bolsonaro, Kast e Uribe.

4 POSIÇÕES CONTRA O PROGRESSISMO

A releitura de Lenin fornece muitos elementos para esclarecer a nova onda de governos progressistas. Este ciclo é mais extenso e fragmentado do que a onda anterior e inclui um grande país da América Central (México), outro com grande influência política (Honduras) e um terceiro que reverte o longo pesadelo do autoritarismo (Guatemala). Essa

mesma novidade estende-se ao Sul, com a vitória alcançada numa nação tradicionalmente controlada por uma oligarquia despótica (Colômbia).

O ciclo atual carece da projeção regional que teve o processo anterior e está condicionado por um significativo encurtamento de tempo. Os novos progressistas enfrentam uma extrema direita que não existia na última década. A presença desta força limita as margens de ação das administrações de centro-esquerda e provoca uma oscilação política vertiginosa.

Em 2008, os governos progressistas prevaleceram e em 2019 essa primazia foi revertida pela restauração conservadora. No início de 2023, a primeira opção voltou a predominar e atualmente existe uma contraofensiva generalizada para alterar esse padrão. Nessa dinâmica pendular, algumas experiências progressivas se esgotam com velocidade incomum. Em certos países a esquerda participa nestes governos e noutros questiona-os com a mesma veemência que a oposição de direita. Que possibilidades a visão de Lenin inspira sobre estes dilemas?

O líder bolchevique enfrentou duas formações do mesmo tipo na Rússia. Por um lado, os liberais representavam a burguesia russa em ascensão e hesitavam em questionar o czarismo. Negociaram com a monarquia e apostaram na sua transformação gradual num regime constitucional.

Por outro lado, o setor moderado da socialdemocracia (mencheviques) patrocinou estratégias mais comparáveis ao progressismo atual. Ele propôs a criação de formas de capitalismo regulado, para apoiar processos favoráveis às maiorias populares. Ele concebeu o socialismo como um projeto distante precedido por modalidades de capitalismo desenvolvido que ainda estavam ausentes. O progressismo atual é completamente descrente no socialismo, partilha com o menchevismo a rejeição de qualquer aceleração dos ritmos históricos que ameace a continuidade do capitalismo.

Lenin disputou com seus dois rivais a elaboração de um programa de reivindicações populares, ao qual os liberais se opuseram e os mencheviques rejeitaram. Apoiou-se na forte influência dos bolcheviques entre os trabalhadores e promoveu alianças com os camponeses, contra a proeminência da burguesia que os liberais exigiam e os mencheviques aceitavam.

Em oposição à conciliação com o czarismo, Lenin promoveu a mobilização popular, expondo sem hesitação os seus postulados revolucionários. Uma atitude semelhante no atual cenário latino-americano leva a resistir firmemente às capitulações do progressismo, apontando o fracasso no cumprimento das suas promessas eleitorais.

Lenin sempre enfatizou as diferenças que separavam os seus adversários liberais e mencheviques do inimigo czarista. Mas também destacou a necessidade de confrontar ambos os setores, para evitar que a sua rendição conduza a uma derrota popular. Para implementar essa estratégia, ele introduziu inúmeras táticas durante a curta administração progressista de Kerensky.

Evitou confundir aquela administração com o tirano czarista, mas sem aceitar as frustrações que aquele governo gerava. Com esta dupla ação preparou o caminho para o triunfo socialista.

O líder russo sempre priorizou a intervenção direta das massas. A confiança nessa participação é uma característica destacada por todos os estudiosos de sua obra. Este ingrediente de otimismo é visto como o aspecto romântico de um líder, que estava muito consciente da emergência de contextos revolucionários. Com esse horizonte, optou por comportamentos heroicos e estabeleceu uma relação emocional entre suas reflexões e aqueles cenários (Lih, 2024). Mas essa paixão nunca cegou a sua avaliação realista de cada situação.

O líder bolchevique observou na ação popular o componente mais auspicioso para reverter situações adversas e radicalizar contextos favoráveis. Esta glorificação da luta é uma mensagem muito oportuna para o quadro latino-americano atualmente marcado por governos progressistas, que desconfiam do seu povo e evitam apoiar os seus esforços com a mobilização de rua.

Várias administrações desse espectro político mantêm as expectativas dos seus eleitores na acirrada disputa com a direita, na polarização e não se esquivam das manifestações desse apoio (Petro, López Obrador). Mas noutros casos, o incumprimento das promessas eleitorais já gerou desilusões que frustraram a batalha contra o golpismo (Castillo), quebraram a esperança de mudanças constitucionais (Boric) e abriram caminho para serem substituídos por governos da extrema-direita (Fernández).

Lenin proclamou a ação popular como uma estratégia vinda de baixo, oposta à gestão estatal dos poderosos. A esquerda latino-americana deve regressar a este contraponto para reforçar os seus objetivos socialistas, contra os objetivos pró-capitalistas do progressismo.

5 A DEFESA DE PROCESSOS RADICAIS

Lenin esperava uma rápida propagação global da revolução russa com a consequente descolagem do socialismo. Ele não conhecia a frustração dessa expectativa, mas foi capaz de perceber que a Alemanha e a França não estavam seguindo a tendência dos acontecimentos bolcheviques.

Esta adversidade gerou o isolamento internacional da URSS e fortes pressões contrarrevolucionárias, que forçaram o endurecimento defensivo do regime soviético. Com o seu habitual realismo, Lenin manteve a defesa da revolução, destacando as conquistas, assumindo os problemas e aceitando os fracassos.

Esta posição legou um tipo de comportamento de esquerda diante de situações semelhantes. Quaisquer que sejam as dificuldades, os obstáculos ou os erros que um processo transformativo enfrenta, ele deve ser defendido contra o assédio da direita e do imperialismo. O que a União Soviética sofreu repetiu-se mais tarde nos rumos socialistas da China, do Vietnã ou de Cuba e nas provações radicais da África, da Ásia ou da América Latina.

A mesma perseguição reacionária assume atualmente formas muito virulentas contra Cuba, Venezuela, Bolívia ou Nicarágua e a defesa destes países não deve gerar dúvidas na esquerda. Uma releitura de Lenin indica que nenhuma objeção às políticas seguidas pelos governos destes países (com as suas diferenças significativas entre si) justifica restringir o apoio internacional de que necessitam para se defenderem do imperialismo.

Estes quatro países participam num eixo diferenciado de progressismo devido à magnitude da agressão dos EUA. O Departamento de Estado patrocinou um recorde de ataques, conspirações e guarimbas (manifestações terroristas da direita) para subjugar o chavismo e retomou a escalada do golpe na Bolívia após a experiência fracassada de Añez.

Na Nicarágua combinou a pressão diplomática com a furiosa agressão mediática e em Cuba reforçou o bloqueio para encorajar o descontentamento.

Estas campanhas impactam os complexos cenários internos prevalecentes nos quatro países. A recuperação económica na Venezuela consoma-se com uma maior desigualdade e um enriquecimento crescente da boliburguesia. As conquistas da Bolívia em termos de crescimento, redistribuição de rendimentos e utilização produtiva dos rendimentos foram travadas por uma disputa interna dentro do MAS. A resposta repressiva inaceitável de Ortega aos protestos estendeu-se a vários heróis da revolução sandinista. A epopeia cubana continua com reconhecimento e admiração regional, mas as soluções para a estagnação económica são adiadas sem respostas à vista.

Uma abordagem destes problemas de acordo com a tradição de Lenin exige reconhecer as adversidades e debater a sua resolução. O líder bolchevique inaugurou uma forma de expor dilemas com uma franqueza sem precedentes e uma ausência de cortesia. Esta frontalidade contribui para caracterizar as causas do atual congelamento dos processos radicais na região. Não foram derrotados, mas estão muito longe dos progressos prometidos e esperados pela população.

A mensagem leninista face a estes dilemas passa pela procura de soluções na radicalização destes processos. Este curso pode ser desenvolvido evitando a expectativa de soluções mágicas e evitando a resignação diante do *status quo*.

6 OUTRO CENÁRIO GLOBAL

Durante o século XX, Lenin foi o símbolo da revolução e do socialismo. Na América Latina foi identificado com Fidel, Che e a expectativa de erradicação do capitalismo. Essa esperança como um horizonte próximo mudou substancialmente.

O cenário leninista perdeu continuidade numa época marcada pelo neoliberalismo e pela ofensiva do capital. O refluxo do último ciclo revolucionário internacional (1968-75) consolidou-se com a perda das conquistas populares, o declínio dos sindicatos e da flexibilidade laboral.

Esta mudança nas relações de poder foi reforçada pela regressão da consciência socialista, que se seguiu à implosão da União Soviética. Esta emergência alterou o padrão de visões críticas sobre o capitalismo, que prevaleceu em várias gerações de trabalhadores.

Estas convicções foram periodicamente reforçadas ou afetadas pelos resultados da luta comunista. Cada onda revolucionária reforçou essa convicção e cada maré contrária deteriorou essa esperança, mas sem quebrar a certeza de um futuro socialista. As experiências transmitidas de batalhas contra a opressão ocorreram de uma geração para outra (Traverso, 2020). Os militantes impactados pela revolução russa legaram seus ensinamentos aos ativistas movidos pela revolução chinesa e esse efeito influenciou os combatentes abalados pelo triunfo do Vietnã e de Cuba.

O colapso da URSS quebrou os vasos de comunicação entre os seguidores do ideal socialista. A crise da esquerda, o regresso para a religião e o ressurgimento das identidades nacionais reforçaram uma regressão política, que atualmente se expressa na canalização do descontentamento popular pela direita. O fato de as formações mais extremistas da reação consolidarem a sua primazia eleitoral nos antigos bairros vermelhos de vários centros urbanos é a prova mais recente desta involução.

Outro fator determinante na erosão do cenário leninista foi a expansão da política nos marcos constitucionais. Essa extensão – que se destacou nos Estados Unidos e na Europa Ocidental nos anos da revolução Russa – consolidou-se em todas as metrópoles.

Posteriormente, foi expandido para a América Latina, modificando a primazia tradicional das tiranias civis-militares explícitas ou mascaradas.

Os sistemas pós-ditatoriais das últimas décadas introduziram mecanismos muito limitados de democracia real e de influência cidadã, mas tornaram-se o principal instrumento das classes dominantes para neutralizar os protestos populares. Esses mecanismos funcionam como um grande contrapeso aos cenários revolucionários que se seguiram ao colapso das ditaduras (Mosquera, 2024).

Numa era de neoliberalismo, de constitucionalismo e de regressão do ideal socialista, a figura de Lenin já não desperta o mesmo interesse que no século XX. Este declínio expressa a perda de centralidade da revolução (Arcary, 2024). Compreender esta mudança é o ponto

de partida para reformular estratégias de esquerda adaptadas ao novo cenário (Chibber, 2021).

Uma atitude leninista exige avaliar o contexto predominante com total realismo, para adaptar a batalha pelo socialismo a esse quadro. Ignorar as diferenças que separam o cenário atual daquele prevaente no passado impede a concepção destas estratégias.

A ausência de um quadro revolucionário global não implica a primazia do cenário antitético. Persiste uma fase de refluxo neoliberal, mas sem o agravante do esmagamento físico ou da demolição das organizações de esquerda, que marcam os períodos reacionários.

Esta adversidade não está ausente apenas na América Latina. Nesta região a falta de revoluções foi compensada por duas ondas de rebeliões intensas. O primeiro ciclo (desde 1989) impactou Venezuela, Bolívia, Equador e Argentina e o segundo (desde 2019) estendeu-se à Bolívia, Chile, Colômbia, Peru, Haiti e Guatemala.

Estas revoltas não deram origem a triunfos populares de magnitude histórica, mas também não culminaram em derrotas comparáveis às sofridas durante a década de 1970. Tiveram um alcance importante, sem recriar o período revolucionário que inaugurou o triunfo em Cuba (1960) e se encerrou com a derrota na Nicarágua (1991). A diferença entre as duas fases reside no grau de radicalidade política prevaente. As rebeliões contemporâneas não deram origem a construções paralelas ao Estado, às formas de poder popular ou aos resultados militares da época anterior (Katz, 2008, cap. 1).

Os protestos latino-americanos do século XXI desenrolam-se em harmonia com revoltas do mesmo tipo em outras partes do planeta. Mostram parentesco com a Primavera Árabe, com as revoltas dos indignados na Europa, com a revolta de rua em França e com as greves dos trabalhadores que estão a recuperar relevância nos Estados Unidos. Partilham também com outras revoltas a importância da ação direta, a proeminência dos jovens trabalhadores precários e a incidência do feminismo e do ambientalismo.

A utilização do termo rebelião para identificar estas revoltas tem-se generalizado, mas sem a devida conceptualização do seu contraponto com as revoluções (Maiello, 2022, 192-210). É verdade que a passagem do primeiro tipo de levantamento ao segundo está sempre aberta, sob um sistema capitalista que incuba desequilíbrios monumentais. Mas o salto da

revolta para a revolução deve ser avaliado com precisão, dependendo do tipo de organização popular emergente que desafia o Estado.

No último século, as discussões sobre a estratégia socialista estiveram diretamente ligadas ao quadro revolucionário. O contraponto entre a insurreição e a guerra popular decidiu qual dos dois caminhos era mais favorável para cada contexto nacional e ambas as variantes foram contrastadas com a ação parlamentar. Esta abordagem perdeu centralidade devido à dissipação do cenário revolucionário.

Esta mudança também altera a temporalidade do projeto socialista. A simultaneidade antes imaginada para os processos de transformação social já não prevalece hoje. As dinâmicas disruptivas de acelerações impetuosas, bifurcações imprevisíveis e acontecimentos inesperados que cercaram Lenin já não são predominantes. As vertiginosas conjunturas “kerenskyistas” perderam essa centralidade.

Devido a estas mudanças, a estratégia socialista de formar um governo dos trabalhadores, capturar o Estado e transformar a sociedade já não é o único modelo de viragem anticapitalista. Lenin apresenta mensagens para este tipo de situação.

7 NÃO COPIAR A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

Em diversas ocasiões, Lenin opôs-se à imitação da via bolchevique, promovida pelos admiradores da Revolução de Outubro. Esta repetição foi patrocinada pelos militantes que ansiavam por alcançar o sucesso dos Sovietes nos seus próprios países. Num texto célebre, o líder russo polemizou com aqueles que imaginavam na Europa Ocidental um rumo semelhante de surgimento de Conselhos, colapsos políticos e tomadas de poder (Lenin, 2021).

Estas questões foram processadas na nascente Internacional Comunista e começaram a esclarecer a diferença qualitativa que separava o regime monárquico-autoritário prevalecente na Rússia da estrutura parlamentar prevalecente nas sociedades ocidentais. Lenin inaugurou a percepção de uma distinção, que deu origem a estratégias muito diferentes para ambas as formações (Blanc, 2021).

A discussão inicial centrou-se no caso da Alemanha, que naqueles anos emergia como um país desenvolvido, com um Estado mais complexo, um movimento operário mais difundido e enormes sindicatos. Houve uma grande participação eleitoral, com forte presença parlamentar e um número incontável de comunidades influenciadas pelo pensamento socialista.

Lenin percebeu a enorme distância que separava esta configuração do cenário russo. Por isso reforçou o apelo a uma estratégia de frente única dos comunistas com a socialdemocracia para lutar contra a direita. Longe de limitar esta aliança ao seu objetivo defensivo imediato, ele concebeu essa unidade como a base de um projeto de governo. Patrocinou a criação de um governo operário liderado por partidos socialdemocratas, apoiado por comunistas e sem ministros burgueses (Mosquera, 2023b).

Este apelo incentivou outras estratégias subsequentes para levar a cabo o primeiro passo de um projeto socialista, em países com elevado peso de instituições parlamentares. Este modelo diferia do curso insurrecional de Outubro e da ditadura do proletariado estabelecida na Rússia. Lenin detectou desde cedo que os soviets não surgiram na Europa Ocidental com a mesma proeminência que na Rússia devido à elevada incidência de sistemas políticos constitucionais.

Antes de 1917, o líder bolchevique não postulava um modelo político socialista muito definido. Oscilou entre o apoio a uma reivindicação democrática tradicional (Assembleia Constituinte) e o peso da poderosa organização soviética que emergiu com o ensaio revolucionário de 1905 (Mosquera, 2023a).

O papel redobrado que estes Conselhos tiveram em 1917 levou-o a exaltar a democracia direta e a assumir que estas organizações prefiguravam a fundação de um novo sistema político. Formaram organizações que surgiram nos locais de trabalho ou nas comunidades, com grande presença de trabalhadores e camponeses recrutados como soldados. Floresceram com a mesma intensidade que os seus antecessores da Comuna de Paris e assumiram um papel decisivo no triunfo de Outubro (Le Blanc, 2024). A insurreição apenas consagrou o poder democrático esmagador criado em torno dos Conselhos (Lih, 2019).

Nos momentos de maior radicalismo, o líder bolchevique proclamou a superioridade intrínseca destas organizações, em comparação com todas as modalidades anteriores de democracia burguesa (Lenin, 2017). Neste reconhecimento se fixou a tentação libertária de omitir as limitações destas estruturas, como fundamento central de qualquer sistema político consolidado (Bensaid, 2002).

A trajetória subsequente da União Soviética e todos os processos revolucionários do século XX confirmaram que os soviets - ou os seus equivalentes militares de duplo poder na China, no Vietnã ou em Cuba - são essenciais para conquistar a gestão do Estado, mas não para administrar essa instituição. Apoiam a tomada do poder, mas não funcionam como suporte principal ou exclusivo da gestão corrente da coisa pública. São o pilar das experiências de democracia participativa e dos mecanismos de intervenção cidadã, como se verifica nas Comunas da Venezuela (inspiradas no exemplo chinês) ou na grande variedade de organizações criadas na epopeia cubana. Em todos os casos constituem um recurso fundamental para o controle popular da gestão do Estado.

Mas o nível excepcional de mobilização, participação e consciência popular que irrompe nas revoluções não persiste quando o novo regime estabiliza o seu funcionamento (Katz, 2004: capítulo 5). Lenin não chegou a conhecer essas lições do século XX, mas o seu agudo realismo político levou-o a polemizar com as correntes comunistas europeias que engrandeceram o modelo soviético.

Pelas mesmas razões, também é impossível generalizar a decisão bolchevique de dissolver a Assembleia Constituinte, sob a ameaça de uma grande contrarrevolução branca. Esta medida foi um ato específico no convulsionado cenário russo e não indicou a inferioridade daquela instância em relação aos soviéticos. A cautela de Lenin face a outros contextos que não a autocracia czarista deve ser lida como uma mensagem orientadora da atual estratégia socialista.

8 APLICAÇÕES LATINO-AMERICANAS I

Os apelos de Lenin para não copiar a revolução russa, para valorizar a frente única, para explorar outras formas de governo dos trabalhadores, para considerar as tradições parlamentares e para intercalar os sovietes com a remodelação constitucional têm grande relevância atual para a América Latina.

Estas afirmações enfatizam que a gestão do Estado é o ponto de partida de qualquer transformação significativa. Esta obviedade é questionada por correntes que propõem “mudar o mundo sem tomar o poder”, assumindo que esta mudança será realizada à margem das instituições, através da construção de organizações divorciadas dessa configuração.

Depois de várias décadas, esta estratégia não mostrou resultados. Em nenhum país surgiram sinais de como seria possível alcançar um avanço popular, desvinculado das conquistas asseguradas pelo poder do Estado.

A recusa em chegar ao governo implica também abdicar da gestão do poder e a consequente substituição do domínio dos poderosos pela primazia dos oprimidos (Linares, 2015). Os interesses conflitantes de ambos os setores só podem ser resolvidos em torno da gestão da estrutura estatal. Ali são definidas políticas que favorecem os interesses dos privilegiados ou despossuídos.

Lenin sempre promoveu caminhos de acesso ao Estado para transformá-lo, com vistas a erradicar os componentes opressores daquela organização. Ele nunca imaginou que essa mutação pudesse ser realizada desistindo da batalha pelo poder.

Nas atuais condições da América Latina, esse acesso pressupõe chegar ao governo através de eleições. É a percepção que Lenin teve ao observar o contexto diferenciado da Europa Ocidental. Observou que, sem uma vitória nas urnas, as correntes socialistas ficaram privadas da legitimidade necessária para disputar o poder. Por isso destacou a complementaridade da luta de rua com a luta eleitoral.

Este mesmo cenário prevalece no atual contexto latino-americano. A velha analogia da região com o quadro prevalecente na Rússia czarista dissipou-se e por essa razão a estratégia de guerrilha ou insurreição, que emulava a tomada do poder pelos soviéticos, perdeu a sua centralidade. Nas últimas décadas, as rebeliões têm sido o pilar de todas as tentativas de desenvolver uma transformação radical da sociedade (do Caracazo, em 1989, à

Guerra da Água, em 2000). Mas, em todos os casos, estes ensaios exigiram como debut com legitimação nas urnas.

O atual sistema constitucional da América Latina contém as mesmas deformações que prevalecem em outros cantos do planeta, para apoiar os mesmos interesses dos poderosos. A instabilidade destes modelos é mais generalizada na região, mas esta turbulência não altera a permanência destes regimes. Cada crise de um governo resulta na sua substituição por outro através de eleições, parlamentares e candidatos vencedores. As ditaduras militares do passado não reapareceram e as estratégias socialistas devem adaptar-se a esse fato. Desta continuidade deriva a centralidade assumida pela batalha pela imposição das Assembleias Constituintes.

Lenin oscilou entre destacar estes casos e ponderar os soviets. Atribuiu maior centralidade ao primeiro instrumento em situações menos disruptivas, sem perder de vista os Conselhos como principal suporte para mudanças radicais.

Esta mesma combinação é atualmente imposta na região. A luta pela criação de Assembleias Constituintes reaparece como ponto de partida para todas as tentativas de transformação política. É um mecanismo inevitável para proporcionar aos cidadãos o poder que eles não exercem no funcionamento normal dos sistemas políticos.

A Assembleia Constituinte consagrou a democracia participativa na Venezuela, juntamente com conquistas sociais (direitos dos povos indígenas, camponeses, crianças), nacionais (proibição de bases estrangeiras) e democráticas (o referendo revogatório, obrigação dos funcionários de prestar contas ao povo, normas de controle de massa). Na Bolívia, foi instaurado o Estado plurinacional, para erradicar a supremacia histórica das elites brancas sobre as maiorias indígenas.

Por sua vez, no Brasil e na Argentina não houve conquistas desta magnitude. A maior frustração ocorreu no Chile, após duas consultas que não conseguiram erradicar a Constituição legada por Pinochet. Na Colômbia, já começou o debate para evitar frustrações do mesmo tipo.

A Revolução Bolchevique permitiu uma conquista simultânea do governo e do poder. A consigna que consagrou esse acontecimento sintetizou essa convergência ("todo o

poder aos soviéticos). Não houve mediações, transições ou atrasos na transferência dos recursos do Estado de uma classe social para outra e na substituição de um estabelecimento burocrático tradicional por um novo tipo de serviços públicos.

Mas no seu apelo à formação de governos operários na Europa Ocidental, Lenin introduziu uma separação temporária entre as duas instâncias (governo e poder). Uma administração socialdemocrata que emergiu das urnas na Alemanha obteve o controle do governo, mas não do poder. Lenin propôs excluir os ministros burgueses do gabinete para acelerar esta segunda conquista, mas sem estabelecer sua gestão imediata. Deixou a temporalidade desta mutação aberta ao curso imprevisível da luta política.

9 APLICAÇÕES LATINO-AMERICANAS II

Uma estratégia em dois momentos distintos é promovida na América Latina pelas correntes de esquerda, que promovem primeiro ganhar o governo para disputar imediatamente o poder político, econômico, militar, judicial e mediático.

A diferença que separa as duas instâncias ficou muito esclarecida nos processos de *lanfave*, que a direita promove para destituir presidentes progressistas. Nestes golpes institucionais, fica evidente com flagrante transparência quem realmente detém o poder.

Uma elite de soldados, capitalistas, juízes e comunicadores mina a autoridade dos líderes desafiados, para forçar a sua saída do governo numa sequência traçada de um país para outro. Esta onda de conspirações é endossada pela embaixada dos Estados Unidos e implementada através de procedimentos legislativos e judiciais. A conspiração começou contra Zelaya em Honduras em 2009 e se estendeu contra Lugo no Paraguai, Dilma no Brasil e Morales na Bolívia. Além disso, houve inúmeras tentativas frustradas contra Chávez na Venezuela, Cristina na Argentina, Correa no Equador e Lula no Brasil.

Castillo foi deposto no Peru com o mesmo procedimento, mas sua queda também incluiu uma ação militar semelhante aos tradicionais motins do alto comando. A conspiração contra Dilma incluiu um complemento ativo nas ruas e a fracassada campanha de revogação contra Cristina foi liderada pela grande imprensa, que nunca digeriu a tentativa

democratizadora da lei da Comunicação Social. Nos últimos anos, a extrema direita aperfeiçoou o mesmo dispositivo de golpes institucionais, com uma enxurrada de mentiras que espalha pelas redes.

Toda a escalada do golpismo institucional tem confirmado que a gestão de um governo significa apenas o controle de uma pequena parcela do poder real. A maior parte do controle real nos planos econômico, militar, midiático e judicial são monopolizados pelas classes dominantes e pela sua elite de funcionários. A conquista popular destas áreas envolve uma longa batalha guiada por uma estratégia que Lenin intuiu, salientando que em alguns países a chegada do governo foi o ponto de partida desta jornada.

A atual implementação deste objetivo na América Latina apresenta enormes diferenças nacionais e as alianças necessárias para alcançar a presidência diferem em diferentes casos. Mas em todos os lugares os lados radicais ou progressistas partilham programas, desejos e discursos que convergem com a esquerda no confronto com os donos do poder.

É essencial reconhecer esses vínculos para conceber projetos governamentais. Lenin sublinhou este princípio ao distinguir claramente os adversários dos inimigos. A sua visão é essencial para lembrar que embora a direita esteja localizada nos antípodas da esquerda, o progressismo é um aliado inconsistente. Ambas as forças são qualitativamente diferentes e é um erro grave colocá-las na mesma caixa.

A disputa pelo poder é muito mais complexa no século XXI do que na era da revolução russa devido à enorme extensão e sofisticação das estruturas estatais, que têm estado ligadas à sociedade através de múltiplas mediações.

No tempo de Lenin, o poder judicial não tinha o protagonismo atual e os meios de comunicação social não eram transmissores potentes da ideologia dominante. O poder militar atuava de forma mais visível, mas sem dispor dos instrumentos de controle coercitivo subliminares de que dispõe atualmente.

Por outro lado, a combate com o poder econômico era mais frontal e os marxistas imaginaram uma transição rápida para a socialização dos meios de produção. Nesse período, não foram levadas em consideração as mediações comerciais atualmente exigidas em uma

prolongada batalha pela expansão da propriedade pública, para redistribuir a renda e criar um modelo pós-capitalista. Lenin foi o primeiro a perceber a complexidade desta transição, quando substituiu o planejamento econômico total (Comunismo de Guerra) pela reintrodução de mecanismos comerciais, que validaram várias formas de propriedade (Nova Política Económica) (Lenin, 1973).

Esta última variedade de modelos (denominada NEP) foi adotada por diferentes governos de esquerda, para promover estratégias que combinem o projeto socialista com parâmetros capitalistas e complementos comerciais.

Estes esquemas funcionam através de uma extensa regulamentação estatal para implementar políticas que se opõem ao neoliberalismo e à financeirização. As experiências deste tipo desenvolvidas pela China e pelo Vietnã fornecem sugestões para a América Latina e o seu teste bem-sucedido na Bolívia contrasta com os escassos resultados na Venezuela.

Mas a disputa pelo poder econômico não pode triunfar na arena eleitoral ou nas lutas institucionais. A derrota das classes dominantes e a erradicação do capitalismo depende da ação direta dos trabalhadores. Todas as mensagens do líder bolchevique giram em torno desta conclusão e não há forma de atingir esse objetivo sem forjar órgãos de poder popular equivalentes aos soviets.

Estes conselhos são os pilares de uma transformação socialista. Não desempenham um papel decisivo na gestão atual dos governos, mas são a chave mestra da disputa pelo poder. Não é necessário criá-los para obter uma vitória eleitoral, mas são essenciais para derrotar os donos do poder militar, econômico, judicial e mediático.

10 VARIEDADE DE SUJEITOS POPULARES

Lenin enfatizou a centralidade do proletariado como principal sujeito revolucionário. Voltou à visão dos seus antecessores, que deduziram esta primazia do papel determinante que os trabalhadores têm na reprodução daquele sistema. Alimentam a mais-valia que nutre o lucro do empregador e garantem a valorização que sustenta a acumulação.

O líder bolchevique destacou que os explorados estão localizados nos centros nervosos da economia e os capitalistas dependem do seu trabalho. Eles lucram com a privação de todos os despossuídos, mas os seus lucros dependem do esforço de trabalho específico dos assalariados.

Partindo destes pressupostos, observou a classe trabalhadora como força orientadora da revolução socialista e confirmou essa centralidade com a experiência dos soviets. Destacou este papel ao assinalar a dinâmica do processo revolucionário, com uma visão muito distante da perspectiva histórico-sociológica que prevalecia na socialdemocracia europeia.

Esta última concepção projetava o proletariado como agente do progresso, que encarnava o desenvolvimento das forças produtivas e a modernização da sociedade. É por isso que ele observou que a chave para uma passagem ordenada para o socialismo estava na extensão numérica dos assalariados.

Lenin não partilhava dessa visão evolucionista, nem partilhava dos seus postulados positivistas. Ele concebia a centralidade do proletariado como derivada da conduta política desse setor social. Atribuiu-lhe um papel de vanguarda na batalha urbana contra o czarismo e promoveu uma aliança com a maioria camponesa no resto do território. As diferentes formulações que Lenin expôs sobre a revolução democrática visavam construir essa frente contra a minoria de exploradores.

O líder bolchevique não deduziu, portanto, o papel dirigente do proletariado na revolução social a partir de um mero pressuposto teórico. Considerava que a experiência russa antecipava uma maior influência revolucionária da classe trabalhadora nos países mais desenvolvidos da Europa. Mas ele assumiu essa conclusão sem qualquer dogmatismo. Em sua análise do imperialismo, por exemplo, denunciou a cumplicidade da aristocracia operária das metrópoles com a pilhagem da periferia. Durante o século XX, este conluio incluiu um grande entrelaçamento da burocracia sindical com estratos privilegiados do Estado, para moderar a combatividade dos trabalhadores.

As advertências proféticas de Lenin ilustravam a flexibilidade que ele também exibiu para perceber a gravitação dos setores oprimidos do continente asiático. Ele capturou o enorme impacto do campesinato daquela região na batalha interligada que travaram contra o imperialismo e o capitalismo.

Desde muito jovem, Lenin destacou o potencial revolucionário da China e da Índia, contra os preconceitos das correntes socialdemocratas conservadoras, que identificavam a belicosidade anticolonial com o primitivismo. Após a vitória soviética, registrou a mudança da revolução do Ocidente para o Oriente e compreendeu que esta mudança estendeu a primazia dos assalariados a outros setores despossuídos. Esta reconsideração refletiu-se nas resoluções da Terceira Internacional, que estendeu aos povos oprimidos a clássica invocação à unidade do proletariado mundial (Raine, 2021).

Esta consideração inaugurou o reconhecimento marxista de uma variedade de sujeitos revolucionários, dependendo do papel assumido pelos diferentes segmentos populares na luta de cada país. Lenin foi decisivo nesse amadurecimento.

Esta mesma reconsideração é atualmente decisiva para compreender o papel dos jovens trabalhadores precários nas lutas populares do século XXI. Este setor, marginalizado das negociações tradicionais com o Estado, lidera protestos de rua em diversas regiões. Integra um conglomerado ampliado da classe trabalhadora com novas modalidades de agrupamento e ação.

A visão flexível leninista dos sujeitos populares permite-nos compreender a grande incidência dos precarizados nas rebeliões latino-americanas das últimas décadas. Este papel (juntamente com os camponeses, povos indígenas e funcionários do setor público) tem sido muito visível na Bolívia, Equador, Venezuela, Argentina, Chile, Guatemala, Colômbia, Peru, Panamá e Haiti.

Em toda a região são evidentes os efeitos das transformações neoliberais, que reestruturaram o universo dos assalariados. A força de trabalho atual é mais heterogênea e está segmentada entre um polo de atividades qualificadas e um vasto setor precário. Esta reorganização capitalista diversificou os protagonistas da luta popular.

11 MULTIPLICIDADE DE ORGANIZAÇÕES POLÍTICAS

Lenin abordou os problemas de organização política com a mesma acuidade que demonstrou na avaliação dos sujeitos populares. Forjou um partido centralizado e disciplinado, muito adaptado à luta clandestina contra o czarismo e a sua figura ficou associada a esse perfil duro do bolchevismo. Mas ele nunca concebeu esse tipo de organização como um modelo universal. Ele propôs diversas modificações nessa estrutura e estava aberto a outros tipos de configurações.

Esta plasticidade foi muito visível nas controvérsias da Terceira Internacional contra os imitadores ocidentais do modelo russo. Lenin patrocinou caminhos mais variados, que incluíam propostas para que os comunistas se juntassem ao Trabalhismo Inglês. Sempre teve como objetivo estabelecer conexões entre os revolucionários e as inclinações políticas específicas de cada povo (Sanmartino, 2023, 18-47).

O modelo bolchevique foi corretamente adaptado a cenários de luta semelhantes ao czarismo, especialmente nas duras batalhas do século XX contra as ditaduras da Ásia, África e América Latina. As formas de organização e os códigos de conduta herdados da vanguarda jacobina eram necessários para atuar naquelas regiões.

Mas a imposição forçada deste quadro militante – em qualquer momento e lugar – foi mais um absurdo de muitas correntes de esquerda. Nesta transposição, o leninismo foi erroneamente identificado com uma ideologia partidária rudimentar. Os grupos dirigentes atribuíram competências para definir as políticas de todo o grupo e identificaram essa direção com o interesse do proletariado. Assumiam que este rumo antecipava o caminho que toda a classe trabalhadora seguiria, com uma visão mais relacionada com as pregações e profecias dos missionários, do que com a luta política comunista.

A proposta organizativa de Lenin sempre confirmou a necessidade inevitável de organização para impulsionar uma transformação da sociedade. O agrupamento com regras, costumes, tradições e liderança é uma característica partilhada por todas as configurações políticas. Esta ligação organizativa é particularmente indispensável na atual batalha contra a extrema direita. Mas a proposta de Lenin é mais ambiciosa e destina-se a transformar a luta

social num confronto político contra o capitalismo. Postula que a propaganda socialista deve aumentar a compreensão dos trabalhadores sobre a sua condição opressiva, para induzi-los a construir um projeto oposto aos seus inimigos de classe.

Lenin concentrou os seus esforços em forjar um partido comprometido com este amadurecimento da consciência dos trabalhadores. Ele opôs-se à expectativa simplificada do surgimento espontâneo desta consciência devido ao mero desenvolvimento da luta social. As suas obras mais importantes não se centram na forma de organizar o partido, mas nos caminhos que permitem potenciar a consciência socialista (Lenin, 2015). Ele sublinhou que a ação de protesto não esclarece por si só a condição dos trabalhadores, nem ilumina o caminho para erradicar o capitalismo. Só uma estratégia educativa comunista sistemática permite esta compreensão.

Para Lenin, o partido nunca foi uma área de conspiração de intelectuais, obcecados em apresentar ao proletariado as suas ideias de fora. Esta caricatura não tem qualquer ligação com a visão do líder bolchevique, que não estabeleceu esta divisão artificial. Confiou numa dinâmica conjunta de ambos os setores, baseada na experiência comum da luta.

O arquiteto da revolução russa destacou a diferença entre a lógica política e a lógica social sem opor ambos os níveis. Sublinhou que um processo de emancipação exige o fortalecimento da primeira área, como centro de desenvolvimento de táticas, estratégias e projetos socialistas.

Lenin construiu uma organização dotada desses atributos. É por isso que ele foi capaz de introduzir mudanças táticas ousadas, que entre fevereiro e outubro de 1917 culminaram na tomada do Palácio de Inverno. As Teses de Abril, a exigência do poder aos Sovietes, a frente única contra Kornilov e a insurreição foram decisões adotadas por um partido já treinado na luta revolucionária.

O legado de Lenin é extremamente relevante para a esquerda latino-americana, que precisa de desenvolver o seu programa definindo um caminho de resistência ao imperialismo e de unidade regional, para lançar as bases para um futuro não capitalista. Nenhum destes objetivos surgirá apenas da luta social. As batalhas a este nível levaram a revoltas frequentes que derrubam governos de direita e facilitam ciclos progressistas, mas não conduzem a

processos emancipatórios. Devido a esta inconsequência política, a direita recupera periodicamente o controle dos governos.

A conquista duradoura da esquerda requer a multiplicação de organizações socialistas que assumam o seu perfil sem hesitação, reivindicando os ideais do comunismo com a mesma convicção que Lenin reivindicou. Este tipo de agrupamento promovido pelo líder bolchevique destaca-se atualmente numa grande diversidade de movimentos e partidos.

Lenin oferece um conjunto de ricas iniciativas que podem impulsionar o desenvolvimento da esquerda latino-americana. Este apoio inclui também um olhar abrangente sobre a estratégia anti-imperialista que analisaremos no nosso próximo texto.

REFERÊNCIAS

- ARCARY, Valerio (2024). *Un leninismo para el siglo XXI*, 20/01/2024. Disponível em: <https://www.sinpermiso.info/textos/un-leninismo-para-el-siglo-xxi>. Acesso em: 11 jun. 2024.
- BENSAID, Daniel (2002). *¡Saltos! ¡Saltos! ¡Saltos!*
<https://contrahegemoniaweb.com.ar/2024/01/23/lenin-saltos-saltos-saltos/>. Acesso em: 11 jun. 2024.
- BLANC, Eric (2021). *Por qué Kautsky tenía razón (y por qué debería importarte)*. Disponível em: <https://jacobinlat.com/2021/01/10/por-que-kautsky-tenia-razon-y-por-que-deberia-importarte>. Acesso em: 11 jun. 2024.
- BORON, Atilio (2024). El rescate de Lenin 30/01/2024, Disponível em: <https://atilioboron.com.ar/al-rescate-delenin/>. Acesso em: 11 jun. 2024.
- BUDGEN, Sebastian; KOUVELAKIS, Stathis; ZIZEK, Slavoj (2010). *Introducción*. Lenin reactivado: hacia una política de la verdad, p. 5-8. Madrid, Akal.
- CHIBBER, Vivek (2021). *Our Road to Power*, Disponível em: <https://jacobin.com/2017/12/our-road-to-power>. Acesso em: 11 jun. 2024.
- DEJEAN, Mathieu; ESCALONA, Fabien; GODIN, Romaric (2024). *Cien años después, como sobrevive el pensamiento de Lenin al leninismo*. Disponível em: <https://www.sinpermiso.info/textos/cien-anos-despuescomo-sobrevive-el-pensamiento-de-lenin-al-leninismo>. Acesso em: 11 jun. 2024.

LINERA, Álvaro García (2015). *Una lectura a partir de Poulantzas, Estado, democracia y socialismo*. Disponível em:
https://www.vicepresidencia.gob.bo/IMG/pdf/estado_democracia_y_socialismo-1-2.pdf.
Acesso em: 11 jun. 2024.

KATZ, Claudio (2004). *El porvenir del socialismo, Herramienta e Imago Mundi*, Buenos Aires.

KATZ, Claudio (2008). *Las disyuntivas de la izquierda en América Latina*, Luxemburg, Buenos Aires.

KATZ, Claudio (2024). *América Latina en la encrucijada global*, Buenos Aires Batalla de Ideas; La Habana: *Editorial de Ciencias Sociales*.

LE BLANC, Paul (2024). *A 100 años de su muerte, todavía necesitamos a Lenin*. Disponível em:
<https://nuevarevolucion.es/a-100-anos-de-su-muerte-todavia-necesitamos-a-lenin/>.
Acesso em: 11 jun. 2024.

LENIN, Vladimir Ilich (ed 1960). *Obras Completas*, Buenos Aires, Editorial Cartago.

LENIN, Vladimir Ilich (ed 1973). *Obras escogidas*, Editorial Progreso, Moscou.

LENIN, Vladimir Ilich (ed 2015). *Que hacer*, Akal, Madrid.

LENIN, Vladimir Ilich (ed 2017). *El Estado y la Revolución*, XHGLC Ediciones, Madrid,

LENIN, Vladimir Ilich (ed 2021). *La enfermedad infantil del «izquierdismo» en el comunismo*, Akal, Madrid.

LIH, Lars T (2019). *Karl Kautsky, arquitecto de la Revolución de Octubre* 08/07/2019. Disponível em: <https://www.sinpermiso.info/textos/karl-kautsky-arquitecto-de-la-revolucion-de-octubre>. Acesso em: 11 jun. 2024.

LIH, Lars T (2024). *Una mirada particular sobre Lenin*. Disponível em:
<https://vientosur.info/una-miraparticular-sobre-lenin/>. Acesso em: 11 jun. 2024.

MAIELLO, Matías (2022). *De la movilización a la revolución*, Ediciones IPS, Buenos Aires.

MARTÍNEZ, Josefina (2023). *Lecturas para pensar la revolución en nuestro tiempo*. Disponível em: <https://contrahegemoniaweb.com.ar/2023/02/01/lecturas-para-pensar-la-revolucion-en-nuestrotiempo/>. Acesso em: 11 jun. 2024.

MOSQUERA, Martín (2023a) *¿Todavía es posible una nueva interpretación de Octubre?* Disponível em: <https://jacobinlat.com/2023/12/06/todavia-es-posible-una-nueva-interpretacion-de-octubre/>. Acesso em: 11 jun. 2024.

MOSQUERA, Martín (2023b). *Lecciones desde lejos: frente único y gobierno obrero en la Internacional Comunista*. Disponível em: <https://vientosur.info/lecciones-desde-lejos-frente-unico-y-gobiernoobrero-en-la-internacional-comunista/>. Acesso em: 11 jun. 2024.

MOSQUERA, Martín (2024). *¿Antinomias de la estrategia socialista?* Historical Materialism (próxima edición) -Orovitz Sanmartino, Jorge (2023). *Tras las huellas de la política. El fantasma de Lenin en América Latina*, Jacobin, n 9, segundo semestre 2023, Buenos Aires.

REYNA, Jaime Ortega (2017). *Órbitas de un pensamiento: Lenin y el marxismo en América Latina Latinoamérica*. *Revista de estudios Latinoamericanos*, México jul./dic. 2017, Disponível em: <https://doi.org/10.22201/cialc.24486914e.2017.65.56880>. Acesso em: 11 jun. 2024.

PIEMONTE, Víctor (2023). *El fantasma de Lenin en América Latina*, Jacobin, n 9, segundo semestre 2023, Buenos Aires.

RAINE, Barnaby (2021). *Lenin y las revueltas anticoloniales*. Disponível em: <https://jacobinlat.com/2021/03/10/lenin-las-revueltas-anticoloniales/>. Acesso em: 11 jun. 2024.

TRAVERSO, Enzo (2020). *Derribar estatuas no borra la historia, nos hace verla con más claridad*, Disponível em: <https://nuso.org/articulo/estatuas-historia-memoria/>. Acesso em: 11 jun. 2024.

Recebido em: 1/6/2024.

Aceito em: 19/6/2024.

Publicado online em: 30/6/2024.